

# BRASIL - PORTUGAL

1 DE MAIO DE 1907

N.º 199

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14, 3.º  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



Abril tetrico — Maio florido

## O nosso numero da Semana Santa

Lisonjeia-nos e envaldece-nos o exito excepcional que teve o n.º 197 d'esta Revista, consagrado aos assumptos religiosos da semana santa. Tanto material como moralmente, de todos os pontos do reino nos chegam provas eloquentes do acolhimento que esse numero recebeu, sobretudo da respeitavel classe ecclesiastica, contando-se em grande quantidade tanto as assignaturas espontaneas como as referencias elogiosas. De alguns prelados e muitos outros sacerdotes recebemos cartas tão effusivas que encanaram o nosso espirito e captivaram a nossa gratidão. Sua Eminencia o sr. Cardeal Patriarcha, em uma carta amabilissima chama-lhe **um bello numero** e accrescenta: **que tão boa impressão causou.**

E S. Ex.ª Rev.ª o sr. arcebispo d'Evora, um dos mais doutos prelados do reino, escreve-nos gentilmente: **muito folguei de poder dar a minha modesta contribuição para um numero tão bello.**

E a par d'estas, muitas outras referencias todas elogiosas e penhorantes nos tem sido dirigidas, e, por isso aproveitamos o ensejo de n'este lugar publicamente as agradecermos.

## VIDA ELEGANTE

Secção interessante a que inauguramos, consagrada ás nossas gentis leitoras em evidencia e aos que forem surgindo no foco da nossa objectiva. Pennas auctorizadas encarregam-se de, em poucas linhas, desenhar perfis. A secção abre hoje com o retrato de uma gentilissima senhora, e o de um rapaz intelligente e sympathico, cujo nome já se impoz como poeta de valor.

No mesmo intuito dedicaremos algumas paginas aos noivos, deixando n'ellas instantaneos colhidos em flagrante.

Os que hoje inserimos foram apanhados á porta da igreja do Coração de Jesus no dia do casamento do sr. marquez de Alegrete com a sr.ª D. Beatriz Roque de Pinho (Alto Mearim).

Na absoluta impossibilidade de abrangermos em rapidas resenhas graphicas todos os casamentos da quinzena, aqui indicamos os nomes dos nubentes felizes dos ultimos quinze dias:

D. Genoveva de Lima Mayer e dr. Ruy Ennes Ulrich. D. Thereza Zarco da Camara (Ribeira) e Nuno de Carvalho Daun e Lorena. D. Alda Guedes (Almedina) e Carlos Pinto Machado.

Que as bodas de oiro se façam e que o *Brasil-Portugal* possa reeditar as gravuras e as notas leves que hoje vão correr mundo.

## EM EVIDENCIA



Sr.ª condessa da Castanheira  
(Cliché Camacho, Lisboa)

Por seu marido, D. Sebastião Telles da Gama, a nova titular adornou o seu nome com um dos titulos mais antigos e illustres da historia portugueza.

Comtudo, mais illustre ainda que elle fosse, nunca teria o poder de abalar a modestia ou destruir a nativa singeleza de quem tão nobremente o usa.

Descendente por sua mãe d'aquelle diplomata artista, Laxman, que foi um verdadeiro Mecenas da arte, protegendo artistas, e fazendo da sua casa um museu opulento, a sr.ª condessa da Castanheira trouxe para o lar que creou a tradição d'este nome illustre conjugada com a mais esmerada e fina educação.

Os encantos do espirito e da bondade enriquecem estes predicados e tornam aquella que está hoje ligada á casa dos Gamas e dos Nizas uma das mais sympathicas figuras da sociedade elegante de Lisboa.

Gillaff.



Vicente Pinheiro de Mello (Arnos)

(Cliché Gonçalves, Coimbra)

Alto, magro, cabello e bigode escuros, olhos suaves da cor da noite, aprimorado no trajar, affabilissimo no trato, intelligente e bondoso, poeta pela alma e fidalgo pelo sangue, taes são os traços caracteristicos do nosso querido amigo, que logo ao primeiro *abord* se observam. E quem é elle? E' facil adivinhar.

Quando virem ahí pelas ruas de Lisboa, n'estes desordenados tempos de grève academica, um grévista ordeiro e conformado com o addiamento forçado do seu bacharelato coimbrão para o anno que vem, — ou para quando o governo quizer, — e que apresente estes signaes que acabamos de descrever, eil-o, sem confusao, evidenciado. E' elle.

O seu nome? é inutil dizel-o. Para quê?! Nem é mesmo conveniente revelar um nome que lembra uma triste lenda christã d'um remoto naufragio onde por certo houve indscriptiveis horrores, e muitas e cruciantes afflicções. Diz, até, essa lenda que entre muitissima gente que jamais appareceu, tragada certamente pelo mar indomito, só o corpo d'um santo varão se salvou guiado por dois corvos que o conduziram a porto de salvamento. Pois foi Lisboa esse porto e aqui se venera o santo cuja vida o *Flos-Sanctorum* insere nas suas gloriosas paginas de amor e de ternura.

Ora assim succede com o nosso amigo. Lisboa é o seu porto de salvção, e Lisboa venera-o porque elle é bom e generoso. O seu coração é de todos que com elle convivem, a sua clara intelligencia é reveladora e promettedora.

Que importa que os seus finos bigodes, em riste, como os do Kaiser allemão, affirmem, illusoriamente, a quem o não conhece, que está ali o estofo d'um invencivel conquistador! Ah! quanto as apparencias enganam!

Invencivel! Qual! Basta o ligeiro sorriso d'uma bonita dama para o dominar, totalmente, completamente; é sufficiente um amoroso olhar feminino para o vencer, rendido, como um vassallo, submisso mas apaixonado, aos pés d'uma formosa rainha.

Fernando.

## Ballada de despedida

Versos da "*Ballada Official*" da despedida dos quintanistas de direito no anno actual, e que a *grève* não deixou ouvir

VOZ

*Tricenas lindas que nós amamos,  
Por essas noites todas luar,  
Morrem os sonhos que nós sonhamos  
N' sombra amiga do vosso olhar.*

CORO

*Vamos deixar-vos, entrar na vida,  
E quantos olhos hão-de ficar,  
Presos, p'ra sempre, na despedida  
Talvez n'uns olhos da cór do mar.*

VOZ

*É os que n'um sonho p'ra aqui vieram,  
E nós deixamos, continuarem,  
Os nossos beijos que nos disseram  
Coizas tão lindas do coração.*

CORO

*Os vossos beijos, nas nossas bocças,  
São d'amor sempre, que doces são!...  
Lindas cabeças, cabeças loucas  
Guiadas sempre p'lo coração.*

VOZ

*É depois outras assim também  
Hão-de deixar-vos cheios de dór,  
Tricenas lindas não ha ninguém  
Igual em penas ao vosso amor.*

CORO

*Tricenas lindas vossas paixões  
Tem o seu tempo sempre confiado,  
São cinco annos cinco estações  
Que o tempo marca p'ra um noivado.*

Vicente Pinheiro (Arnos).

Coimbra, 1907.

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXV

*Vinte e um dias de mau tempo. A Providencia ouviu os lavradores. Fialho d'Almeida pede um dilúvio. O prestigio da palavra do grande escriptor. Só elle obrigava o chronista a pensar um momento nas terríveis consequências de um mau anno agricola. O desinteresse da gente das cidades pelas coisas agricolas. Como nós somos. — Cinematographos e kine-matographos. O triumpho dos Pathés. — Um bilhete postal anonymo. O desforço d'um automobilista. Resposta sem azedume.*

Apoz vinte e um dias interrompidos de mau tempo, — chuvas pedidas em preces officiaes pela Igreja e nas orações de cada lavrador aos santos da sua devoção, para que intercedessem junto do Altissimo no sentido de a Misericordia Divina se compadecer das terras ardendo em sede batidas do sol inclemente,

### VIDA ELEGANTE — Um casamento



Os noivos: D. Beatriz Roque de Pinho (Alto Mearim) e marquez de Alegrete

queixume sobre a inclemencia do tempo para a agricultura, revoltamo-nos. «Mas que mesquinhez de espirito, que tacanha creatura! No que elle pensa! Em batatas e feijões!» Se temos conhecimento de que em tal ou tal templo se celebram preces *ad petendam pluviam*, todos, ainda os religiosos, somos por um momento atheus e disparamos uma phrase superior e cynica condemnatoria d'este acto. Se accidentalmente, ao dobrarmos uma esquina, roçamos por alguém a quem ouvimos esta exclamação eterna: «se não vem uma pinguiha d'agua, temos um anno desgraçado!» o que logo nos occorre, n'uma subita furia, é que o Chiado pode transformar-se n'um lamaçal e que as nossas botas amarellas correm perigo de ficar n'um estado lastimavel...

Mas se a Providencia não attende em absoluto ás supplicas dos que lhe pedem chuva ou sol de rachar a bem da terra e esta não pro-



Vida elegante — Um casamento

*Chegada á igreja do Coração de Jesus. — A noiva pelo braço de H. Kendall*

duz o sufficiente para consumo geral, e se os feijões e as batatas, mercê d'essa escacez, augmentam de preço, vamos aos ares, dirigimo-nos ao merceiro e com voz tremula de colera gritamos-lhe: — Então como se entende isto? O feijão, que era a quatro vintens, agora custa quatro e meio?!

E se o homem nos responde que o anno foi mau, que a producção foi diminuta, berramos:

— Mas que tenho eu com isso?!

— D'accordo... d'accordo... mas a falta de chuvas...

— Mas que culpa tenho eu de não ter chovido?... Julga o sr. que os meus ganhos augmentaram porque não choveu em cima do feijão?... Ou pensa que eu vou roubar para o sr. fazer predios e ter dinheiro nos bancos?!

ventanias agrestes, neblinas humidas de acordarem o mais remoto rheumatismo, — abril dá-nos alguns dias de bom sol e ceu azul, com uma viraçõesinha agradável temperando os primeiros assomos do verão que, segundo auctorizados saragoçanos, ha de ser de se lhe tirar o chapéu — o de cabeça — de abrir o outro — o de mão.

Ignoro se as chuvas cahidas durante os primeiros vinte e um dias do mez satisfizeram ás necessidades da agricultura e se os lavradores estão contentes. Ha uns doze dias, o meu querido Fialho de Almeida, que cultiva a cepa americana com o mesmo esmero com que cultiva as letras, retrucava a uma exclamação irritada minha sobre a persistencia do mau tempo, que ainda não chovera o sufficiente, que se necessitava de um dilúvio — não fazia a coisa por menos — e que se não viesse o dilúvio teríamos um anno agricola desgraçado, sem pão, sem vinho, sem azeite...

Isto dito por qualquer, deixar-me-ia indifferente. Mas taes palavras sahidas da bocca de Fialho de Almeida, aterram. O meu leitor não conhece o escriptor insigne de quem lhe falo? ... Então não pode avaliar o grau de pavor que eu senti ouvindo tal prophécia d'esse homem de palavra tão suggestiva, tão prestigiosa. Só elle, o extraordinario prosador, teria o condão de me obrigar a pensar um momento n'estes casos a que nós outros, homens das cidades, não ligamos a menor importancia: escacear o pão, o vinho, o azeite...

Porque a verdade é que nenhum de nós, habitantes de Lisboa, se preocupa com taes coisas. Mais: irritam-nos. Se desdobramos um jornal e se nos depara com o celebre artigo pela setima vez fervido, como o chá do Tolentino. «Um anno de fome!», logo franzimos as sobranceiras e temos um encolher de hombros que traduz perfectamente esta phrase, que nem nos damos ao trabalho de pronunciar: «Que terei eu com isso!» Se no nosso Club, n'um estabelecimento, em qualquer parte, um agricultor solta seu



Vida elegante — Um casamento

*Os noivos e os condes de Alto Mearim e de Tarouca*

— Eu, sr.?!?! Quem dera! Eu tenho lá dinheiro, nem predios...  
 — Bem sei, bem sei! Mas para cá não pega! O que os srs. todos são, bem o sabemos, os desgraçados consumidores! O grande mal é não haver governo que olhe a serio para os interesses publicos e obrigue os srs. a entrarem na ordem! Se eu fosse governo, eu e meia duzia como eu, outro gallo lhes cantaria, nós lhes dariamos a chuva! Eu lhes diria! Passe por cá muito bem!

E sahimos, tremulos de colera, resmungando:

— Que paiz! que desgraçado paiz! Só em Portugal é que se comette o desaforo de pedir quatro e meio por um litro de feijão, allegando-se que não choveu! Hum... hum... a pedir chuva está tudo isto! Onde nós iremos parar é que eu não sei... Isto está cada vez peor! Tem a gente de fazer milagres, para não morrer de fome...

E vamos muito direitinhos ao Campeão comprar um decimo, que ha de sahir branco, quer Deus Nosso Senhor permitta que chova ou não...

Repito: não sei se as chuvas cahidas a prestações durante abril beneficiaram a agricultura tanto quanto se diria preciso ha um mez. Eu podia saber isto perfeitamente: bastaria escrever um bilhete postal ao Fialho; mas tremo só de pensar que esse demonio poderia responder-me que não, que a chuva cahida não teria sido bastante. Prefiro ficar na ignorancia. Mas no fundo do meu coração peço a Deus que, sem esquecer os interesses da agricultura, vele tambem um pouco por nós, a fim de não correremos o perigo de grelar.

Todos temos direito a ser ouvidos e nem só de feijão vive o homem.

A ultima praga cahida em Lisboa foi a dos cinematographos ou kinematographos — á vontade do freguez. Ha-os em toda a parte: em casinos, cafés, theatros, nas feiras, em lojas alugadas especialmente para os estabelecer. Vae sendo uma mania pegada como foi a dos gramophones. E caso singular, cinematographos ou kinematographos, são todos Pathés.

— Que é aquillo, alli?

— Vão montar um cinematographo Pathé.

— E além?

— Além é para um kinematographo Pathé.

— Onde vae você?

— Vou ao Pathé do Chiado?

— E você?

— Para o Pathé da Avenida.

— D'onde vem você?

— Do Pathé de Santos.

Em Santos, em Alcantara, até na Mouraria já ha Pathés. E todos elles, pelo visto, ganham dinheiro, o que nos leva a crer que ha muitos amadores dos Pathés. Talvez os patetas, que são em numero



Vida elegante — Um casamento

*Mademoiselle Sistello*

muito respeitavel, valha a verdade. Ora estes e mais os que o não são mas que não vão além do tostãozinho da ordem em materia de divertimento, sommam... quasi toda a população de Lisboa. D'ahi, certamente, o successo dos Pathés. Pois então que vivam os Pathés!

A proposito da minha ultima chronica, na parte referente ao automobilismo e ao funebre papel em que esse genero de sport está representando em Lisboa, um caridoso anonymo dirigiu-me para o Gremio Litterario um bilhete postal dizendo-me o que Mafoma não disse do toucinho.

Não me dou por escandalizado, antes agradeço o desforço que o cavalheiro se dignou tomar das minhas pobres considerações sobre

o flagello. Outro fosse elle que, em vez de me enviar um bilhete postal, atirasse o carro para cima d'este avariado corpo.

Mas ha um ponto, n'esse bilhete postal, sobre o qual desejo esclarecer o illustre anonymo. E' aquillo de s. ex.ª me dizer: «o que o faz falar sei eu, mas ninguem tem culpa do sr. não ter dinheiro para comprar um automovel.»

Podia-se ter dispensado, o meu correspondente, do dispendio de tantas palavras. Para me agravar, — que não agravava tal! — basta-



Vida elegante — Um casamento

*Conde de Alto Mearim*

ria ter escripto: «ninguem tem culpa do sr. não ter dinheiro.» Porque a verdade é que, se eu fosse homem de dinheiro, eu compraria tudo — menos um automovel.

Relativamente a culpas, temos conversado. Se o sr. não tem culpa de eu não ter dinheiro com o qual não compraria um automovel, eu tambem não tenho culpa do sr. ter dinheiro para comprar um automovel com que me atropelle.

Por aqui me fico, sem rancor ao auctor do bilhete postal. Pelo contrario. Peço até a Deus que o illumine nas suas horas de irreflexão, para que possa travar a tempo o automovel — e a lingua...

CAMARA LIMA.

## Á minha querida filha Maria Luiza Antonieta

(No seu anniversario natalicio, 28 de setembro)

São hoje os teus annos. Propicia te seja  
 A sorte no trilho que vaes percorrer!  
 E's filha de benção! Que Deus te proteja  
 No tempo de vida que tens de viver!

Os filhos, Luiza, são riso nos prantos,  
 No gelo são fogo, nas trévas, fanaes;  
 São nossos thesoiros, são nossos encantos,  
 Parcelas mimosas das almas dos paes.

Tu vives agora na idade florida  
 Nos sonhos doirados de enganosa flux.  
 E' mui deliciosa, mui bella essa vida!  
 Que dôces enlevos! que mundo de luz!

No céu, não ha sombra de nuvem. Na terra,  
 Boninas e rosas, perfumes no ar.  
 Mas ai! não te illudas! Quem sabe o que encerra  
 A branca alvorada, que vae despontar?!...

Por muito propicia que a sorte nos seja,  
 No curso da vida nem tudo é prazer.  
 Quem lê no futuro? Que Deus te proteja  
 Nos annos que ainda te resta viver.

Se um dia os teus sonhos voarem dispersos  
 Por sobre ruinas de morta illusão,  
 Sorri conformada, relê estes versos  
 Escriptos a sangue do meu coração.

*Visconde de S. Boaventura.*



S. M. a Rainha e a Princesa Waldemar

## Notas de sport

### Tennis na Tapada

Outros aspectos em flagrante nos trouxe a objectiva do collaborador do *Brasil-Portugal*, surpreendidos na Tapada da Ajuda na tarde de 9 de abril.

Esta partida de tennis foi organizada pelos dois irmãos Guilherme e Eduardo Ferreira Pinto Basto, apaixonados *sportmen*, em honra do antigo campeão de *singles* em Inglaterra, W. Gore, de passagem por Lisboa.

W. Gore tomou apenas parte n'uma partida de *singles*, jogando com o sr. Edgard Hickie e em tres de *doubles*, tendo como parceiros, respectivamente, os srs. Eduardo Ferreira Pinto, Frazer e Guilherme Ferreira Pinto, jogando contra os srs. Edgard Hickie, José Bello, José Correia de Sampaio (Castello Novo) e Shore.

A esta festa rapidamente organizada assistiram El Rei, Principe Real, Infante D. Manuel, grande numero de senhoras e muitos amadores de tennis.

## Politica internacional

A quinzena, que acaba de findar, presenciou nada menos de tres entrevistas reaes: — a de Victor Manuel e o rei Jorge da Grecia em Athenas; a de Victor Manuel e Eduardo VII em Gaeta; e a de Eduardo VII e Affonso XIII em Carthagina. O que significa este *chasses croises* de testas coroadas, e que consequencias para a politica internacional terá esta contradança diplomatica? Evidentemente não é n'estas conferencias que se resolve o destino das nações. O mais que ellas conseguem é pôr em evidencia, n'um momento dado, o accordo de dois ou mais estados sobre certas questões politicas da actualidade. São simples demonstrações para dar publica sancção ao que a diplomacia negociou ou se prepara para negociar. Nada mais e nada menos, porque ninguem de boa fé acreditaria que n'uma conversa de meia hora se possam resolver os graves e complexos problemas da politica contemporanea, que contendem com tão variados e complicados interesses, suppondo mesmo que qualquer dos indicados

monarchas — com excepção talvez de Eduardo VII — estava no caso de pessoalmente entrar em discussões d'esta ordem.

Mas, como simples demonstrações, vejamos o que significam as entrevistas, que n'esta quinzena se realisaram. Não é difficil descortinar em todas ellas o trabalho persistente da Inglaterra para constituir um poderoso feixe de amizades contra as irrequietas ambições da Allemanha. E em Berlim assim o comprehenderam.

Por um lado a Italia indo á Grecia quiz demonstrar a sua independencia da triplice alliança com respeito á questão balkanica. Não foi alli decerto para promover a alteração do *statu quo*, quer na Macedonia, quer em Creta. Tudo continuará por ora como até aqui. Mas a entrevista de Athenas mostrará onde de direito, que o gabinete de Roma não está acorrentado incondicionalmente á politica turcophila da diplomacia allemã. E por agora é o que basta. Por outro lado a entrevista de Gaeta completa a novissima manifestação de independencia da Italia dos seus dois aliados. E' sabido como foi festejado na Allemanha o exito da entrevista de Rapallo, realisada apenas ha poucos dias. D'essa reunião dos dois ministros se disse ter sahido a

### Notas de Sport — Tennis na Tapada

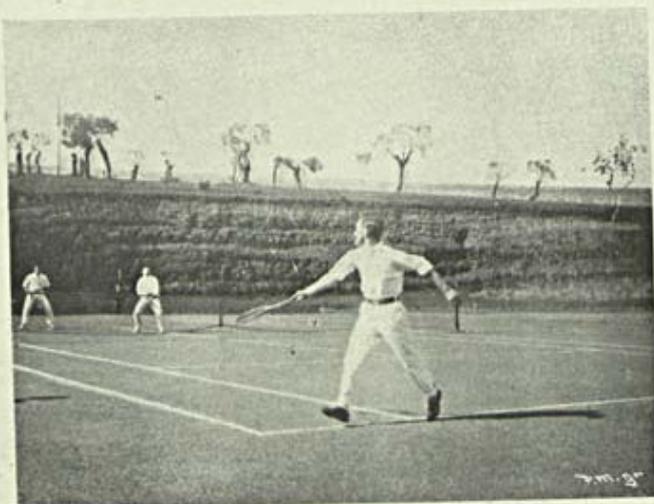


Principe Real, Guilherme Ferreira Pinto, Romero

completa unidade de vistas e o perfeito accordo da Italia e da Allemanha a respeito de todas as questões importantes da actualidade e nomeadamente a respeito da proposta da limitação dos armamentos, por que tanto se interessa a Inglaterra. De certo tal noticia não podia ter agradado em Londres, onde já mais ou menos se conta com a amizade italiana como com um dos factores importantes da nova orientação da politica britannica. D'ahi a entrevista dos dois soberanos, que tão nervosamente está sendo apreciada pela imprensa allemã, e que acaba de dar origem a uma significativa replica do sr. Luzzati em resposta á impertinente attitude dos jornaes d'além Rheno.

Conseguiria, porém, Eduardo VII desfazer o accordo de Rapallo? Atenuar lhe a impressão não ha duvida que o conseguiu, e se outra prova d'isso não existisse, bastava o mau humor de Berlim para o demonstrar eloquentemente. O principe de Bulow, sobretudo deve estar seriamente desapontado pela ephemera duração do seu triumpho diplomatico. Sob este ponto de vista a tactica ingleza tem a contar mais um ponto de ganho no seu activo. Se alcançou, comtudo plenamente o alvo a que mirava — desfazer o accordo de Rapallo — só d'aqui a algum tempo se saberá, quando na conferencia de Haya se tiverem de pôr as cartas na mesa.

A actividade politica da Inglaterra não se limitou á entrevista de Gaeta. A Hespanha, apesar da sua decadencia, ainda é hoje factor importante para a solução da questão marroquina, além de outras vantagens que a sua amizade póde proporcionar na eventualidade de um conflicto europeu. Não admira, pois, que para esta nação tivessem convergido as attentões da Grã-Bretanha, e que



Notas de Sport — Tennis na Tapada  
*Um aspecto do jogo*

a entrevista de Carthagená fosse a publica manifestação da amizade entre os dois paizes. E' ainda esta uma posição perdida pela Allemanha, pois tempo houve em que em Madrid era predominante a influencia de Berlim. Até que ponto se traduziu n'uma formula concreta — tratado ou convenção — o encontro de Eduardo VII e Affonso XIII não é facil n'este momento dizel-o. Declaram uns que não se concluiu tratado algum, limitando se a entrevista a uma troca de cortezias e á affirmação da sympathia das duas nações uma para com a outra. Sustentam outros, pelo contrario, que se concluiu uma convenção, em virtude da qual a Hespanha a troco da protecção da esquadra ingleza se comprometteu a fortificar e a pôr á disposição da Grã-Bretanha, dadas certas eventualidades, os portos da peninsula e das ilhas que ainda possui no Mediterraneo e no Atlantico, além do exercito de terra se d'elle a Inglaterra ca-recer. De que lado está a verdade? Provavelmente de ambos. Não é provavel que na entrevista de Carthagená se tivesse assignado qualquer convenção, sobretudo de tal magnitude. Mas é certo que, dado um conflicto europeu, em que a Inglaterra haja de tomar posição contra a Allemanha, a actual amizade anglo-hespanhola terá muito logicamente as consequencias que supõem os que affirmam haver-se assignado um tratado. E tanto basta para o fim a que a diplomacia ingleza mira.

Assim, em torno da Allemanha completamente isolada — porque o apoio unico da Austria de pouco lhe vale, do momento em que a Hungria é irreconciliavel inimiga da triplice-alliança — vae se pouco a pouco apertando uma poderosa cadeia de alianças e amizades, que dentro de algum tempo formará barreira insuperavel para a politica ambiciosa de Berlim. Os elos d'esta cadeia persistentemente e com tanta habilidade forjada pela Inglaterra são: a *entente cordiale*, a alliança anglo-japoneza, o accordo franco-hespanhol, a approximação franco italiana e o accordo anglo-russo. Ninguém dirá que a *excellent isolation* não dá de si saborosos fructos diplomaticos... apenas um pouco azedos para Guilherme II!

Acabam de realizar-se as eleições geraes para deputados em Hespanha, e se no seu conjuncto os resultados são o que havia a esperar dos costumes politicos da nossa vizinha, isto é, maioría esmagadora para o governo — este ou qualquer outro que esteja no poder — do apuramento dos candidatos eleitos resultam dois factos, que é indispensavel fixar desde já, porque qualquer d'elles



Notas de Sport — Tennis na Tapada  
*El rei — D. Branca Ferreira Pinto Busto*

constitue precioso ensinamento e eloquente symptoma dos graves acontecimentos, que o futuro prepara á peninsula.

O primeiro d'estes factos é a importante fracção de republicanos, que veem á camara. Apesar de todas as dissensões do partido avançado e dos erros de tactica, que por mais de uma vez teem paralyzado a sua acção parlamentar e extra-parlamentar, e não obstante todos os esforços empregados pelo sr. Maura para impedir a victoria dos candidatos d'este partido, é certo que os republicanos entram nas côrtes em muito maior numero do que todos esperavam e elles proprios imaginavam. Prova isto que a monarchia restaurada não cria raizes nas massas populares, e que estas continuam a esperar da republica o remedio para os males que affli-



Notas de Sport — Tennis na Tapada  
*Principe Real — Infante D. Manuel — Guilherme Ferreira Pinto e o inglez W. Gore*

gem a nação. Não se trata de discutir se é um bem ou um mal esta orientação do espirito publico hespanhol. E' um facto e tanto basta para que com elle contemos e d'elle tiremos as naturaes illações. Ora a primeira d'estas illações é, que no dia em que o partido republicano em Hespanha se organizar a valer, o que de resto não lhe será difficil, e acabar por uma racional disciplina com as dissi-

dencias, que actualmente o dividem n'um certo numero de fracções rivaes, a monarchia de Affonso XIII está irremediavelmente perdida, porque nem tem estadistas de superior envergadura que a sirvam, nem pôde contar com a adhesão das massas populares para a amparar.

O outro facto capital, que os resultados da eleição vieram pôr em evidencia com a victoria estrondosa dos candidatos da "solidariedade", na Catalunha, foi a extensão do movimento autonomista, que está levantando de fôrma inquietadora esta provincia contra o centralismo absorvente de Castella. Esta reacção descentralisadora pôde ser uma salvação para a Hespanha, se fôr bem comprehendida e dirigida com habilidade pelo governo de Madrid e em geral pelas classes dirigentes castelhanas. Se pelo contrario o movimento catalanista fôr systematicamente combatido pelo estado central; se os politicos de officio teimarem em ver n'elle apenas uma rebeldia, que é preciso reprimir a todo o custo e por todos os meios, porque todos elles serão legitimos; o que hoje ainda é apenas um desejo de autonomia, converter-se-ha amanhã em necessidade imperpreterivel de separação. Não ha erro, com effeito, que os governantes hespanhoes não tenham praticado a respeito da Catalunha. Desde a má administração chronica até ao quasi completo abandono dos mais vitais interesses da região; desde o suborno e a corrupção até á violencia levada á ultima extremidade de verdadeiros attentados, tudo o que se não devia ter feito foi sempre a norma de proceder para com a provincia mais rica e mais trabalhadora da Hespanha. O resultado é o que se está vendo e o que se prevê para um proximo futuro. Agora mesmo o triumpho retumbante dos

como de propriedade rural, como do salariado agricola, como do commercio agrario, como de tudo quanto ligado está ao solo patrio.

O problema tem de se encarar scientificamente d'alto, porque não se trata de problema racional ou de um determinado mercado, mas sim de uma questãõ nacional que affecta os recantos todos da agricultura.

E' preciso ataca-la pela divulgaçãõ do ensino agricola, em primeira linha, pela fundação e alargamento do credito, pela remodelaçãõ do regimen tributario, pela justiceira incidencia do imposto,



Notas de Sport — Tennis na Tapada

O inglez W. Gore — Guilherme Ferreira Pinto Basto — Frazer — Eduardo Ferreira Pinto Basto — José Bello — Hich — José Castello Novo e Shore.



Notas de Sport — Tennis na Tapada

El-rei — Condessa de Castro

candidatos da solidariedade foi em parte a consequencia do odioso attentado contra Salmeron.

Assim, se aparentemente as eleições, como era de esperar, deram grande maioria ao governo, dois factos por ellas revelados são de molde a fazer duvidar da estabilidade das actuaes instituições politicas na nação visinha. O sr. Maura terá uma numerosa maioria a apoial-o. Mas por detraz d'ella levantar-se-ha o espectro de Banquo do "republicanismo", e da "solidariedade catalã", a envenenar lhe o prazer do triumpho.

CONSIGLIERI PEDROSO.

## In vino veritas

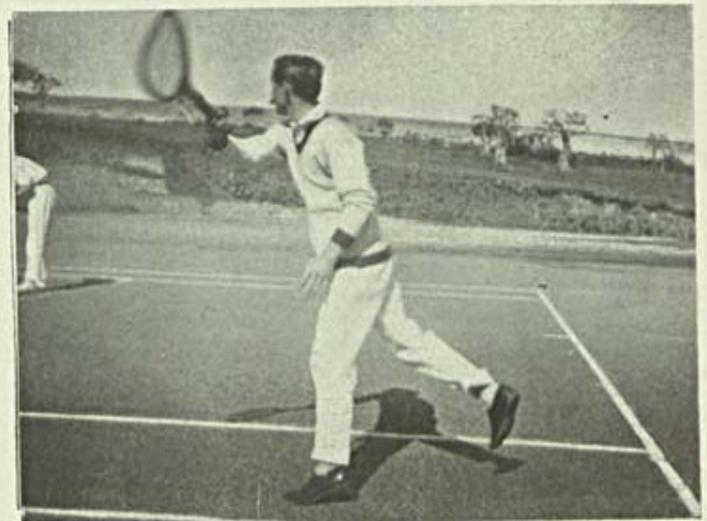
.....  
teus cotharnos descalça, e com semblante amigo  
vem no mosto recente os pés tingir commigo.

D'as Georgicas.

Não quero enredar-me em definições da crise vinicola. Prefiro classificar a como nos "Dragões de El-Rei", definem "mysterio".

"E' uma coisa..."

E' uma coisa, um mal estar, de que soffre fundamentalmente toda a agricultura portugueza — toda a agricultura europeia, ia eu dizer — mas que avulta mais na vinicultura por ser esse um dos seus ramos de exploração mais importantes. Mas a crise é tanto vinicola como cerealifera, como corticeira, como pecuaria,



Notas de Sport — Tennis na Tapada

O inglez W. Gore, jogando

agonia vae lenta para aquellas e o crescimento moroso para estes. Necessario é apressal-os.

Procurar soluções regionalistas ou para um determinado producto, é pretender achar agulha em palheiro. O resultado é para ambos os casos igual. Nunca se encontra nada. Poderá passageiramente alliviar-se um soffrimento economico, mas nunca, nunca se logrará obter a melhoria de situação por fôrma a dar lhe estabilidade, fortuna e porvir.

Por vezes esse remedio passageiro exacerba depois a crise e o Estado que sacrifica a nação, no seu thesouro, pretendendo acudir ás crises minusculas sem ter a coragem maxima, assume responsabilidades graves perante a Historia e dá mostras de insciencia e

## NOTAS DE SPORT — No Hippodromo do Bom Sucesso — Corridas



Em primeiro plano: a sr.<sup>a</sup> D. Josephina Pacheco Burnay e Jorge Burnay com seus filhos; em segundo plano: a sr.<sup>a</sup> condessa de Castro

de imprevidencia, que pouco abonam as qualidades d'aquelles que o dirigem.

Exemplos ha em que o Estado nem mesmo completa as providenciasinhas que toma para valer á crise regional ou de um genero. Nem essa pequenina coragem tem. Satisfaz uns pedidos, tranquillisa o seu medo... e vae tratar de eleições. Ahi está o exemplo da crise cerealifera.

Não se quiz ou não se soube vêr que a solução proteccionista legislativa para resultar perduravel e efficaz era preciso ser acompanhada de providencias technicas agronomicas que assegurassem



Notas de Sport — No hippodromo — Corridas  
Assistindo ás corridas

a possibilidade economica do cultivo do trigo, quando o processo artificial de fomento, a protecção, cessasse.

Lavraram-se mais terras, produz-se mais trigo, mas se a lei protectora tivesse de ser rasgada, a charneca invadiria immediatamente a terra arroteada, até aos termos das villas. E' que não se ensinou e portanto não se aprendeu a tornar intensiva a cultura; não se fundaram estações agronomicas de estudo nos centros cerealiferos; não se fez a propaganda ambulante da boa palavra agronomica; não se seleccionaram, nem hybridaram variedades de trigo nacionaes e estrangeiras; não se experimentaram adubações e afilhamentos...

O lavrador transformou a carranca ameaçadora em sorriso grato, logo lhe asseguraram a venda remuneradora do trigo. O Estado não quiz saber de mais nada; foi tratar de dissolver qualquer camara municipal sertaneja.

O projecto vinicola demonstra superabundantemente quanto tenho dito.

Prova mesmo alguma cousa mais e vem a ser que o Estado me-

dico, diagnosticado o caso, não empregou o remedio que a therapeutica economica indica, mas apenas a mésinha que o doente exigiu.

O Estado assentou um precedente terrivel. Tomado de medo com o aspecto ameaçador do doente — não da doença que essa nunca o preocupa enquanto o enfermo não protesta — abdicou da sua critica, do seu parecer, das suas opiniões, de tudo, tudo para acalmar o animo e o gesto de quem o atemorizava.

Terrivel precedente, porque demonstra a fraqueza do Estado, moral e physica, e a possibilidade de o levar a commetter, pelo medo, as maiores atrocidades economicas, antepoendo regiões a regiões, producto a producto, provincias a provincias, desencadeando a guerra civil economica.

A crise do Douro era facil de diagnosticar a longo prazo. Mas o Estado, não vendo doenças e reparando só nos doentes quando elles gritam e blasphemam, deixou o mal seguir o seu curso. Não tratou de dar viabilidade á cultura do tabaco, não fez propaganda e fomento de pomares, não assentou uma estação de estudo e de ensaios para culturas e fabricos, não procurou attenuar a crise fatal, não se lançou a tempo no caminho de convenções commerciaes...

A crise do Douro é uma crise de origem externa, de preços e de paladar; pois bem: o governo e o poder legislativo pretendem acudir-lhe como se se tratasse de uma coisa bem differente, não duvidando lançar o descredito sobre o commercio de vinhos portuguezes e sacrificar o unico ramo de exportação vinicola que tinhamos em augmento. O erro economico é manifesto!

Vou proval-o.

Em 1905 a importancia do nosso commercio de vinhos do Porto foi a seguinte:

Para a Inglaterra, 25.938 pipas de 534 litros; para o Brasil, 7.571 pipas; para os outros paizes, 10.923. Total, 44.433 pipas de 534 litros.

Vê-se n'este apontamento estatistico a importancia capital do mercado britannico para esta nossa mercadoria e a razão porque só ao consumo inglez me vou referir por hoje. Mas, antes de singularisar a Grã-Bretanha quero ir já ferir um ponto importante para a minha argumentação.

O abaixamento na exportação global de vinho do Porto é accentuado assim:

Periodos	DIMINUIÇÃO EM PIPAS	
	No total de exportação	Para Inglaterra
1900 a 1905.....	7.124	6.879
1901 a 1905.....	5.830	8.270

Posto isto e dividindo em tres grupos o vinho todo importado de varios paizes pela Inglaterra:

- 1.º grupo — vinho até 14 graus, 9
- 2.º " — " desde 14º,9 até 17º,2
- 3.º " — " acima de 17º,2 até 23º

nota-se na totalidade, entre os annos de 1900 a 1905, uma diminuição de consumo de 32.318 pipas ou de perto de 25,4 por 100.

Encarando tão sómente os grupos 2º e 3º, que são os unicos in-



Notas de Sport — No hippodromo — Corridas  
A sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Castello Branco de Castro e Almeida, sua filha e uma outra senhora

teressantes para nós agora, vemos que o abaixamento de consumo affectou os primeiros na proporção de

9,4 por 100

enquanto que os mais alcoolisados, os que vão de 17 a 23 graus centigrados, soffreram um abatimento de

30,2 por 100

A differença é muito consideravel e mostra claramente a preferencia de consumo, seja porque motivo fôr, ou pelo paladar (prevertido se quizerem), ou pelo preço, muito menor.

Ora, essa preferencia, marcada por terriveis numeros, é para os vinhos typo Porto barato que todo o mundo vinicola despeja na Grã Bretanha.

No commercio d'estes vinhos alcoolisados até 17 graus, Portu-



Notas de Sport — No hippodromo — Corridas  
Assistencia

gal occupava em 1900 o terceiro logar; a Hespanha ia muito adeante de nós e a Allemanha ultrapassava-nos ligeiramente.

Cinco annos depois saltámos para o segundo logar e a Hespanha perde mais de 6.000 pipas.

Estamos portanto ganhando terreno na exportação d'esta classe de vinhos, nós que andamos habituados, de ha uns annos a esta parte, em negocio vinicola, a perder constantemente.

E aqui está o caso: em contraposição com aquelle auspicioso avanço, perdemos em cinco annos, na exportação para Inglaterra, nos vinhos mais alcoolisados de 17 a 23 graus centigrados, perto de 8.500 pipas, ou seja 27,6 por 100.



Notas de Sport — No hippodromo — Corridas,  
O carro de caça do conde de Font'Alva com madame O'Donnell Pacheco e filha

De modo que no grupo de vinhos menos attingido pela baixa de consumo (9,4 por 100 para 30,2 e para 32 nos vinhos de pasto), nós, que todos os dias nos lastimamos da falta de mercados lográmos um augmento de exportação!

Estas duas considerações altamente favoraveis á nossa vinicultura, tão pouco habituada a circumstancias propicias no commercio, são desprezadas e inutilisadas no projecto de que me estou occupando.

E com elle, consegue-se, porventura, abrir caminho facil ao commercio dos vinhos mais fortemente alcoolisados, *barateando-os*,



Notas de Sport — No hippodromo — Corridas  
Madame Buruy de Mello Breyner e conde da Ribeira (D. Vicente)

forçando a bolsa ou o paladar (prevertido talvez, repito) de John Bull?

Evidentemente não, porque é independente de nós o alargamento do consumo de vinhos na loura Albion tanto mais quanto é certo nós mantermos no 3.º grupo, nos vinhos que vão de 17 a 23 graus, uma superioridade extraordinaria sobre todos os outros productos: em 1900 a Inglaterra consumiu nos 30.705 pipas e só 19.714 a outros paizes; em 1905 levou nos 22.229 e apenas 6.958 de outras paragens. Em proporção Portugal tambem ganha aqui terreno, perdendo muito menos que os outros paizes exportadores da mesma classe de vinho.

Portugal em face das estatisticas está em posição invejavel no commercio decrescente de vinhos alcoolisados do mundo.

Quando o decrescimo de consumo de vinhos no mercado inglez é evidente e quando a Gran-Bretanha é, com enorme differença dos



Notas de Sport — No hippodromo — Corridas  
As sr.ªs D. Maria de Leucastre e Tavora (Abrantes)  
e D. Maria Isabel de Castro Pereira

outros consumidores de vinhos do Porto, o nosso primeiro comprador, a que vamos nós com medidas odiosas internas, procurar resolver uma questão internacional que só pode ter attenuantes duraveis com favores alcançados diplomaticamente e sem comprometter altos interesses economicos do reino?

As cousas são o que são e não aquillo que nós queremos que sejam.

A situação para os vinhos fortemente alcoolizados portuguezes em Inglaterra é tal, apesar do decrescimo de consumo total n'este grupo, que em 1905 entraram em relação aos de outros paizes na percentagem de 94,7 por 100 e isto, note-se bem, pagando de direitos por pipa

mais libras 10.1.3.

do que os vinhos menos alcoolizados do 2.º grupo!

Para este ponto não será nunca de mais chamar a attenção do publico e para fazer sumir esse diferencial esmagador, todo o esforço dos governos e da nossa parece que potente diplomacia londrina seria abençoado e economicamente digno, logico e entusiasticamente seguido por todo o país vinhateiro e agricola, porque era scientificamente economico.

D. LUIZ DE CASTRO.

## Os dois avarentos

Velhos ambos, sem creado nem creada para os servir, os dois avarentos viviam n'um *faubourg* da villa. As suas casas, de aspecto triste e soturno, eram de um estylo pesado e tocavam-se. Pareciam-se uma com a outra, em virtude das janellas quasi sempre fechadas e das portas que só se abriam raras vezes. Na terra todos sabiam que existiam ali dois homens, mas sabiam no mais por tradição que por experiencia propria, visto que os moradores só saiam de manhã cedo, para

### NOTAS DE SPORT — Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva



Assistencia

ir ao mercado, á hora em que pouca gente anda na rua. Os velhos do sitio, lembravam-se que, outr'ora, dois extranhos, pouco depois da guerra civil que havia desolado os campos, pilhado as herdades, incendiado os castellos, se tinham vindo estabelecer n'essas duas habitações, tendo apenas como creada uma desgraçada que pedia pelas portas e pelas estradas, quasi idiota, que tirava agua do poço, que varria e arranjava os quartos e preparava as refeições que elles comiam juntos. Essa rapariga tinha morrido, nada conhecendo dos seus patrões senão os nomes: um chamava-se Anselmo e o outro João. Os dois não tinham substituído a creada. Durante alguns annos continuaram a comer juntos; viam-nos sair para ir a casa do visinho almoçar ou jantar, e de noite uma das janellas das duas casas illuminava-se. Mais tarde os dois visinhos deixaram de se visitar, e a solidão continua, obstinada, veiu substituir aquella vida commum.

Agora viviam como selvagens, e as negras e tristes fachadas dos dois edificios desafiavam a curiosidade dos transeuntes, que por fim se cançou.

Uma noite, Anselmo sentado na cama, inclinava-se sobre um enorme cofre aberto em que brilhavam peças de cobre, prata e oiro, oiro sobretudo. Viam-se ali moedas de todos os paizes, de todas as effigies e de todos os toques. Era um thesouro enorme. Anselmo, louco, embriagado contemplava-o, beijava-o; depois, despidendo-se, precipitou-se no cofre, largo e comprido como uma banheira, e enterrou-se no meio do oiro, rasgando a pelle, ferindo-se e julgando-se feliz de sentir as peças metalicas entrarem-lhe nas feridas abertas, até que extenuado pelo excesso de alegria, o ava-

rento caiu em spasma, e conservando nos olhos fechados essa deslumbrante visão, adormeceu, completamente nú, sobre esse oiro, no meio d'esse oiro.

No silencio da noite, ouviu-se um ruido vago: uma janella abriu-se e por ella passou um homem.

Era João, o outro avarento. Com passo surdo, as mãos adiante para não tropeçar, dirigiu-se para o cofre d'onde se destacava, no meio d'esse oiro que offuscava, o corpo nú de Anselmo. Este ti-



Notas de Sport — Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva

Assistencia

nha-se voltado sem accordar, e roncava. João, tirando da algibeira uma enorme faca, ajoelhou-se em frente do cofre, como uma mãe que véla, ao lado do filho e levantou a arma. Mas hesitou; havia nos seus olhos o que quer que fosse de piedade. Entre estes dois homens, existiam sem duvida certos laços que o tempo não tinha quebrado de todo recordações dos perigos partilhados, remorso dos mesmos crimes, tudo enfim o que pode restar das cumplicidades passadas.

A luz da candeia o thesouro brilhou. João não hesitou mais e enterrou a faca no coração de Anselmo de tal fórma e com tal violencia que a ponta foi quebrar-se de encontro ás moedas, do outro lado do corpo. Anselmo morreu sem um suspiro, sem um movimento; apenas um *glou glou* de sangue aos cantos da bôca. Depois João pegou no cadaver e deitou-o na cama.

Feito isto lançou-se sobre o cofre enterrando-se no oiro, e desorientado, rindo e chorando, começou a encher um sacco que tinha trazido; e quando depois de ter lançado fogo ao quarto se preparava para sair com as chaves roubadas olhou para traz e viu as chammas que subiam pelas paredes, lambiam os cobertores da cama e a pelle do morto, queimando-lhe a barba e os cabellos. Contento entrou em casa.

Como ninguem o tivesse visto entrar em casa do visinho, nem sair curvado sob o peso do sacco cheio de oiro, quem poderia accusal-o do duplo crime de assassinio e fogo posto? Os juizes concluíram que tinha sido um accidente. Anselmo tinha-se deixado adormecer sem apagar a candeia que, provavelmente caiu e incendiou as cortinas do leito; e quando os ossos do velho avarento



Notas de Sport — Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva

A sr.ª D. Bertha Mauperrin Santos — Augusto Gonçalves

to, foram encontrados, não sem trabalho, no meio d'esse montão de cinzas e de destroços, e os enterraram no pequeno cemiterio á entrada da villa, ao pé da collina, ninguém mais quiz saber da aventura, e o pobre velho foi esquecido.

Seguro da sua impunidade, João, triumphava e vivia alegre! Elle tinha reunido ao seu thesouro, escondido n'um buraco da parede, o dinheiro de Anselmo; era elle que, todas as noites, agora, louco, embriagado, contemplava, tocava e beijava o prodigioso thesouro deslumbrante e sonoro!

Esse imbecil de Anselmo dormia agora no cemiterio, debaixo da pedra tumular, frio, descarnado, esqueletico, enquanto que elle, João, cheio de vida, gosava das caricias deliciosas das moedas, ficava como doido deante de todo esse ouro, e deitava se no meio d'elle dormindo depois, como um amante extenuado de amor nos braços da sua apaixonada.

Um dia que João se approximou do sitio onde escondera as suas riquezas, um grito terrivel se lhe escapou dos labios. Tinham-o roubado, o buraco achava-se vazio e escuro. Com os olhos arregalados, os dentes cerrados, e eriçando os cabellos com as mãos, não cessava de gritar.— Foi tal o clamor, que atravez das paredes espessas, das triplices portas e das janellas fechadas, foi ouvido em todo o *faubourg*, e amedrontou e fez levantar todos os visinhos, que sahiram á rua, esfregando os olhos.

Homens, creanças, mulheres meio vestidas, todos correram a perguntar: "o que era? o que tinha havido? quem tinham assassinado?"

Arrombaram as portas da casa do avarento e viram-no pallido, os olhos ensanguentados, a baba correndo em fio, berrando deante do seu esconderijo vazio!

"Roubaram me tudo, dizia elle. E' verdade, mas parece-me im-



Notas de Sport — Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva  
Tenente Oliveira Reis

ces. Sem duvida, uma idéa horrivel lhe passava pelo espirito. Depois do espanto da multidão silenciosa, o avarento abriu a bocca e balbuciou: "Se fosse...?.. oh! se tivesse sido...?.. Mas não pode acabar; o corpo pendeu e cahiu morto sobre o sólo, com a cabeça no rebordó do buraco vazio, onde estivera o thesouro!

Ha um anno, muito tempo depois da aventura que lhes contei, — foram exhumados os mortos do cemiterio, por causa de um caminho de ferro que deveria atravessar a planicie ao pé da collina. Alguns coveiros carregavam sobre barras de ferro afim de levantar uma pesada pedra tumular — sob a qual repousava Anselmo. A pedra a custo, foi levantada e os homens deixando cair das mãos as barras, levantaram os braços para o céu, estupefactos pelo que acabavam de ver.

Aos pés d'elles, na cova aberta, brilhava uma quantidade prodigiosa de moedas de cobre, prata e ouro, e no meio d'esse esplendor, as duas mãos de um esqueleto apertavam ainda piastras e florins entre as phalanges esbranquiçadas.

CATULLE MENDES.



Notas de Sport — Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva  
Tenente Latino

possivel. Um ladrão não podia introduzir-se n'esta casa, mas quem? quando? como? Haverá pessoas que passem atravez das paredes, que entrem pelos buracos das fechaduras? O meu dinheiro! O meu querido ouro! as minhas bellas moedas de todos os paizes do mundo? quem as levou? Quem me arrancou o meu unico amor, a minha alegria, o meu sangue, o meu coração, a minha vida? E o desgraçado gemia como um animal a quem torcem o pescoço. De repente, João calou se, tornando-se mais pallido, contrahindo as fa-



Notas de Sport — Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva  
Professor Miranda e suas discipulas mesdemoiselles Ortigão,  
Ramos e Briffa

## O VIUVO

**N**a ante-vespera de partir para a Europa o dr. Claudino, sem prevêr o funebre espectáculo de que ia ser testemunha, foi despedir-se do seu velho camarada Tertuliano.

Ao approximarem-se da casa, ouviu berreiro de creanças e de mulheres e a voz de Tertuliano, que dominava de vez em quando o alarido geral soltando, n'um tom estridulo e angustioso, esta palavra: "Xandoca."

O dr. Claudino apressou o passo, e entrou muito afflicto em casa do amigo.

Havia, effectivamente, motivo para toda aquella ruidosa manifestação de desespero. Tertuliano acabava de enviivar. Havia meia hora que D. Xandoca, victima de uma febre puerperal, fechára os olhos para nunca mais abrilos.

O corpo, vestido de seda preta, as mãos cruzadas no peito, estava collocado no canapé, na sala de visitas. A' cabeceira, sobre uma pequena meza coberta com uma toalha de rendas, duas velas de cêra substituíam o bom e o mau ladrão aos dois lados de um crucifixo.

Tertuliano abraçado ao cadaver soluçava convulsivamente, e todo o corpo tremia-lhe como tocado por uma pilha electrica. Os filhos, quatro creanças, a mais velha das quaes teria oito annos, rodejavam-n'o aos gritos.

Na sala havia um continuo fluxo e refluxo de gente que entrava e sahia, pessoas de casa ou da visivhança, chorando muito, e individuos que, passando na rua, ouviam gritar e entravam por curiosidade.

O dr. Claudino estava impressionadissimo. Cahira de sopetão no meio d'aquelle espectáculo commovedor, e contemplava attonito o cadaver da pobre senhora que, havia quatro dias, encontrára na rua da Carioca muito alegre, levando um filho pela mão e outro no ventre, arrastando vaidosa a sua maternidade feliz.

Tertuliano, mal que o viu, precipitou-se-lhe nos braços, inundando-lhe de lagrimas a gola do casaco; o dr. Claudino estava atordado, cego, com os vidros do *pince-nez* embaciados pelo pranto que tardou, mas veio, discreta, reservadamente, como um pranto de quem não é de familia.

— Isto foi uma surpresa... uma dolorosa surpresa para mim,



Notas de Sport — Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva  
«Mail-coachs» do conde de Font'Alva

conseguiu dizer com a voz embargada pela commoção. Parto amanhã ás 3 horas para a Europa, no *Niger*... vinha despedir-me de ti... e d'ella... de D. Xandoca e... e vejo que... que... que...

E o dr. Claudino fez uma medonha careta para não soluçar.

— Dispõe de mim, meu velho, estou ás tuas ordens, bem sabes.

— Obrigado, disse Tertuliano, n'uma d'essas intermitenciass que se notam nos maiores desabafos; o Rodrigo, aquelle meu primo empregado no fóro, já foi tratar do enterro, que é amanhã ás dez horas.

E Tertuliano, fazendo grandes esforços para reprimir a explosão das lagrimas, contou ao dr. Claudino todos os incidentes da rapida molestia e da morte de D. Xandoca.

— Uma coisa inexplicavel! Nunca a pobre creatura teve um parto tão feliz... a parteira não esperou dez minutos... uma creança gorda, bonita... Está lá em cima, no sotão... has-de vê-la. De repente uma pontinha de febre que foi augmentando, augmentando... até vir o delirio... mandei chamar o medico... quando o medico... quando o medico chegou, já ella agonisá... á... va!...

E Tertuliano, prorompendo em soluços, abraçou se de novo ao dr. Claudino.

No dia seguinte a scena foi dolorosissima. Antes de fechar o caixão, Tertuliano quiz que os filhos beijassem o cadaver, medonhamente inchado e decomposto. Ninguém reconhecera D. Xandoca, tão sympathica, tão graciosa, n'aquelle montão informe de carne putrida. Fecharam o caixão, mas Tertuliano agarrou se a elle e, não o queria deixar sahir, gritando: — Não consinto! não consinto

que a levem d'aqui! — Foi preciso arrancar-lhe a força, e empurrá-lo para longe. Elle cahiu e começou a rebolar no chão, soltando gritos nervosos. Tres senhoras cahiram tambem com espectaculosos ataques. As creanças berravam. Choravam todos.



Notas de Sport  
Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva  
Salvador Roque do Pinho (Alto Mearim)

muito atarefado com a viagem, não quiz deixar de fazer uma ultima visita a Tertuliano. Encontrou-o n'um estado lastimoso, sentado n'uma cadeira da sala de jantar, sem dar accordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no misero recém-nascido, que a um canto da casa mamava sofredadamente n'uma preta gorda.

— Tertuliano, adeus. D'aqui a uma hora devo estar embarcado. Crê que, se podesse, addiava a viagem para fazer-te companhia; mas não posso. Adeus.

O viuvo lançou-lhe um olhar vago, um olhar que não exprimia coisa alguma, sacudiu mollemente a mão, e murmurou:

— Adeus.

A's sete horas da noite, o dr. Claudino, sentado na coberta do *Niger*, contemplando as ondas, splendidamente illuminadas pelo

lunar, pensava n'aquelle olhar vago de Tertuliano, n'aquelle adeus terrivel, e pedia aos ceos que o seu velho camarada não houvesse enlouquecido.

Mezes depois, a exposição de Paris atordoava-o, mas de vez em quando, lá mesmo, na Galeria das Machinas, no Palacio das Artes, ou na Torre Eiffel, voltava-lhe ao espirito a lembrança d'aquelle scena desoladora do viuvo rodeado pelos orphãosinhos, e repercutia-lhe dentro d'alma o som d'aquelle adeus pungente e indefinivel.

Interessava-se muito por Tertuliano; escreveu-lhe um dia, mas não obteve resposta. Pobre rapaz! viveria ainda? a sua rasão teria resistido áquelle embate supremo?

Depois de um anno e quatro mezes de ausencia, o dr. Claudino voltou da Europa e a sua primeira visita foi a Tertuliano, que morava ainda na mesma casa.

Mandaram-n'o entrar para a sala de jantar. Tertuliano

estava sentado n'uma cadeira, sem dar accordo de si, rodeado pelos filhos, o olhar fixo no mais pequenito, que estava muito esperto, e brincava no collo da preta gorda.

— Tertuliano! murmurou o dr. Claudino.

O viuvo lançou-lhe um olhar vago, um olhar que não exprimia coisa alguma, sacudiu mollemente a mão, e murmurou:

— Adeus.

Depois, dir-se-hia que se fizera subitamente a luz no seu espirito embrutecido. Elle ergueu-se de um salto, gritou: — Claudino! — e atirou-se nos braços do amigo, exclamando entre lagrimas:

— Ah! meu amigo! perdi minha mulher!...

— Sim, já sei, mas já tinhas tempo de estar mais consolado... Que diabo! sê homem! já lá se vão quatorze mezes!...

— Como quatorze mezes?! Seis dias...

— Ora essa! pois não te lembras que eu acompanhei o enterro de D. Xandoca?

— Ah! tu falas da Xandoca... mas ha tres mezes casei me com outra... a filha do major Sesbra, e ha seis dias estou viu... u... vo!

E Tertuliano, prorompendo em soluços, abraçou se de novo ao dr. Claudino.

ARTHUR AZEVEDO.



Notas de Sport  
Saltos nos terrenos do conde de Font'Alva  
Marquez de Bellas



## BIBLIOGRAPHIA

**Cosinheiro dos cosinheiros.** — Todas as artes, todas as sciencias, todas as industrias podem ser abaladas ou derruidas, excepto a arte culinaria, a sciencia do estomago. E' que o estomago é a balança, é o regulador, é o pendulo. O estomago manda e o cerebro obedece. Por isso a arte de comer é a arte suprema, e saber comer a sciencia maxima. Por isso a maior de todas as vaidades do parisiense é a de saber comer bem. Assentes estes dados, quem póde negar que, na religião dos pitéos, Brillat Savarin é o Mahomet, e em Portugal, quem o duvida? — Paul Plantier o seu propheta. Senão vejam na capa do *Brasil-Portugal* o *Cosinheiro dos cosinheiros*. Vejam como esse livro é, por excellencia, o evangelho da pitaça, o alkorão do paladar! E leiam essa enorme galeria de escriptores illustres que pozeram toda a sua arte e todo o seu genio ao serviço, não das utopias do espirito, mas dos triumphos do estomago! E temos dito.

## D. João de Menezes

D. João de Menezes nasceu para as lides tauromachicas n'uma tourada que o marquez de Niza deu na quinta da Foz. Pouco depois, em agosto de 1848, dava-se outra corrida no pateo da casa do conde de Vimioso, do Campo Grande.

Foram cavalleiros D. João de Menezes e o visconde d'Almeida, que se estreou; capinhas eram Bulhão Pato, o Cazuza, o irmão de D. João de Menezes, Paiva d'Araujo, o grande perdulario



D. João de Menezes

que casou com a celebre *cocotte* parisiense madame de Paiva, e que se suicidou em 1873 com um tiro de revolver, o conde de Belmonte, e os dois Ferreira Roquetes; moço do curro era o escriptor Mendes Leal, e, entre os forcados, estavam José Horta e Lopes de Mendonça. Presidiu a infantia D. Anna de Jesus Maria, casada com o duque de Loulé, e dirigiu o combate o conde da Figueira. A infantia professava ideias politicas contrapostas ás de seu marido; elle era um assanhado *patuléa*, ella uma exaltada *cabralista*. A belleza da infantia, de uma essencia olympica, sobredourava se de uma espantosa correcção de fórmas; lembrava as estatuas de Jean Goujon, o impeccavel esculptor perante quem *posou* desnuda essa sereia da Diana de Poitiers, ou a Venus Victrix de Canova, do qual a princeza Paulina Bonaparte serviu de figura modelar.

Durante a corrida houve dois episodios curiosos. O primeiro quando Bulhão Pato ia a collocar um par de bandarilhas n'um novillo, e o conde de Vimioso lhe gritou da trincheira: "Se marras não pico!", o que produziu hilaridade geral, porque havia ahí uma fina allusão á poesia *Se côras não conto*, que o illustre poeta acabara de publicar, e graças á qual entablara relações com Alexandre Herculano em casa de José Estevam.

O segundo quando Lopes de Mendonça se arrojou com denodo, a um garraio, e fez uma péga de cara. Mendonça feriu-se na mão esquerda, e, ao retirar se da arena, algumas senhoras commoveram-se. Não assim a infantia, que, no seu odio inveterado aos *patulêas* — porque Lopes de Mendonça era *patuléa* retinto — exclamou: — "Deixem correr, é sangue *patuléa*. Não se perde nada." Lopes de Mendonça ouviu a phrase, e commentou-a depois, ao fazer uma apreciação do divertimento, no folhetim da *Revolução de Setembro* de 22 de agosto: — "Endurece o coração ás senhoras quando são muito repetidos... endurece! E um coração, ainda mesmo que tenha palpitado uns bons cincoenta annos, deve enternecer-se, embora se faça algum esforço... Enternecem-se tantas coisas, porque se não ha de enternecer tambem o coração?... Domesticam-se as leões, ha até uma d'esse genero na quinta das Laranjeiras, porque não havia uma certa leão, que todos nós conhecemos, uma leão de lei, a unica que satisfaz ás qualidades de que resa Frederico Soulié, calar na mente uma expressão menos reflectida que lhe sahiu dos labios?... *Accommoda te leão!* Ha certas vozes esgançadas que não chegam ao céu, nem mesmo ao purgatorio, cahem na terra, na terra que é a morada dos peccadores, e dos pobres de espirito!... Triste leão! em breve gosarás da immortalidade do leão de Lafontaine que se deixou açaimar... e desdentar... por

amor! E quem amou, e quem ama tanto, não devia ser tão feroz.

A dama de sangue azul revoltou-se contra a transparente allusão, e correu, segundo se contava, a casa de seus dois genros, os condes de B. e de L. a quem pediu para a desaffrontarem. Foi ao ultimo que tocou, em sorte, esse espinhoso encargo, e, encontrando Lopes de Mendonça, liquidou a questão n'uma scena de pugilato.

Em 1848 organisou-se nma commissão formada por José Estevam, Anselmo Braamcamp, Teixeira de Vasconcellos, Vital Pereira Forjaz, e D. Alvaro Romo, commissão que tinha por fim promover um beneficio a favor das familias dos *patulêas*.

Decidiram dar uma tourada no Campo de Sant'Anna, a qual se realisou em 13 de junho com os seguintes lidadores: cavalleiros o conde de Vimioso e Victo Moreira; bandarilheiros Bulhão Pato, D. José de Mello e Castro, o Cazuza, Luiz Maria Telles de Mello, M. Rodrigues Martins, F. Monteiro Grillo; forcados José Horta, Luiz Forjaz, Teixeira Mourão, Gomes Belford, Luiz Soares, A. J. de Souza Almeida; moços de curro D. Alvaro Romo, Augusto Talone, D. T. de Carvalho, Luiz Aranha, Antonio Augusto Coelho de Magalhães, irmão de José Estevão, F. Rapozo Espragoza, Lobato Pires; moços de touril Francisco Carneiro Zagallo, e D. Luiz de Mello e Castro; netto Antonio do Canto e Castro, e andarilhos. Dirigi a corrida o barão d'Almeirim. Annunciava-se, porém, mysteriosamente um intervallo.

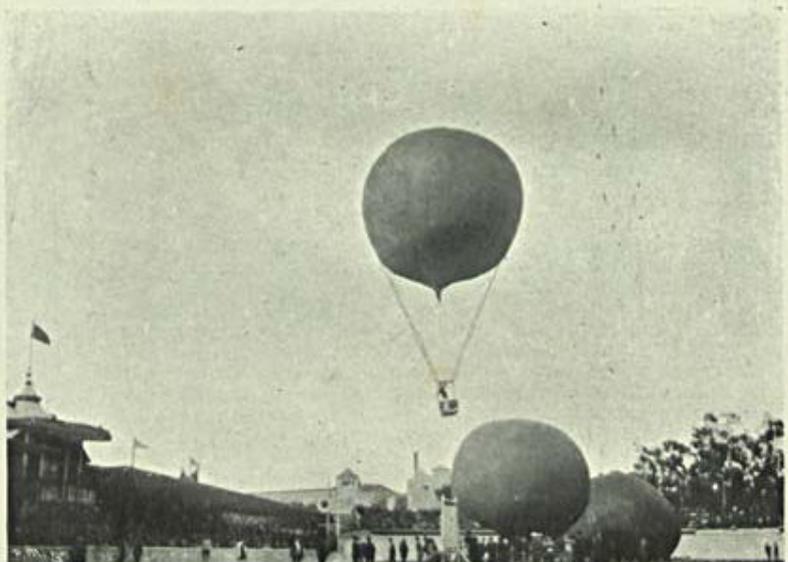
D. João de Menezes e o Cazuza eram, depois do conde de Vimioso, os melhores calções, D. João possuia tal denodo e pericia, tal graça e correcção na arte da gineta applicada ao toureiro, que, decerto, fariam estremecer os manes do marquez de Marialva, que foi o typo dos picadores e toureiros, como dizia o marquez de Rezende.

Ninguém monta agora com mais *aisance*, nem mesmo os mais abalisados amadores sportivos, cujos lazões galopam elasticamente na Avenida das Accacias ou em Rotten Row. Nos salões sabia alliar a doçura requintada de Céladon á malignidade espiritiosa de Scapino. E conhecia, em tanta maneira, o suave itinerario do *pays du Tendre*, decifrava com tanta subtilidade os enygmas galantes, que, se vivera no seculo xviii, mademoiselle de Scudéry disfarçal o-hia n'um personagem do seu vaporoso romance *Clélia*, e mademoiselle de Rambouillet abrir-lhe-hia, de par em par, as portas do seu salão azul na rua de Saint-Thomas du Louvre.

A D. João de Menezes nem mesmo lhe faltou a rubra nota bellica do duello. N'um baile dado em casa de D. Antonio da Camara appareceu a linda A. F., encantadora como as princezas da côrte de Luiz XIII, perturbante como as modernissimas parisienses de Gyp, de uma suggestividade endiabrada como as *soubrettes* de Marivaux, o subtil analysta "que pesava, preciosamente, nadas em balanças de teias d'aranha.", D. João e D. Luiz de Andrade, um hespanhol, sentiram os corações tomados de assalto, os nervos tocados como por caricias electricas. Ambos disputaram a preferencia, e, d'este conflicto de amores, derivou um duello. Cruzaram as bellas laminas de Toledo, e D. João, que conhecia tão a fundo a esgrima da espada como a esgrima do *firt*, feriu o adversario. *Amour! amour! quand tu nous tiens*...

Abordamos agora uma ordem de acontecimentos, em que D. João tem, mais uma vez, occasião de manifestar as suas tendencias de combatividade, o seu temperamento vulcanico de peninsular. Em 1854 appareceram em S. Carlos as dançarinas francezas Lisereux e Fleury.

## No Velodromo



Concurso de balões em 21 de abril

Subiu um, dois ficaram por falta de gaz, e o concurso foi-se

Menezes foi o capitão da hoste que defendia a Fleury, a flor viva. Affirmava-se até que a sympathia de Menezes encontrara echo no coração da deliciosa bailarina, plastica cheia d'eurythmia, cabellos louros como os das Walkyrias do Edda, o doce abandono d'aquellas Panagias gregas que destacam sobre o fundo de ouro *gaufre* dos triptycos. Lisereux era o *taqueté* gracioso e agil, Fleury o *ballonné* rasgado.

Damos agora a palavra a Lopes de Mendonça: — "Mademoiselle Lisereux é uma fada, é um *feu follet*. é o Tribly de Charles Nodier, e quando desliza pelo palco, agitando graciosamente os braços, e descrevendo curvas caprichosas no saltitante compasso de dois pé-sinhos feiticeiros, sente-se crescer a vontade de a apanhar, como uma borboleta que adejasse sobre as flôres de um jardim. . . Mademoiselle Fleury fórma um perfeito contraste com a encantadora dançarina. Mademoiselle Lisereux aproxima-nos das candidas superstições da Edade-Media; mademoiselle Fleury das ridentes invenções da mythologia. Uma podia beber na fonte dos leões da phantastica Alhambra; a outra, com o seu busto altivo e mages-

## Procissão da Saude



Procissão da Saude. — Andor da Senhora da Saude

to, com o seu corpo esbelto e arrogante, podia oferecer a amphora aos labios sequiosos de Pericles ou Alcibiades, os dois grandes *roués* da antiguidade. O correspondente do *Braz-Tizana*, apreciando o corpo de baile dizia o seguinte: — "A Fleury cada vez está mais linda, dizem que a Marmet vae pôr escriptos, que a Lequine quer casar com um poeta, e a Navarre é inconquistavel e inseduzivel. Agora por Navarre, é ella quem melhor vae de borboleta no novo baile de Saint-Léon, porque é a mais franzina, tanto de gambia como de corpo! Lá a carinha não é feia, ha mesmo quem a ache mais bonita que a Lisereux; mas, de louça, nem um pires."

Na epocha de 1855-1856 veiu o mesmo corpo de baile do Saint-Léon, mas a Lisereux e a Fleury já não despertaram o mesmo entusiasmo, porque a maioria dos suffragios coube á Lequine e á Clavelle. No entretanto, deu-se um duello á pistola entre o Pedro de Alcantara Gomes Fontoura e mr. Puig, director do jornal de theatros *Lutin*, que tinha como redactor a João Ferreira Alves. Fontoura, porém, a quem coubera a sorte de atirar primeiro, negou-se a fazel-o.

Nessa mesma occasião esteve imminente outro duello entre

D. João de Menezes e o Pires, director do *Seculo*, provocado por um artigo d'este contra a Fleury. Este jornal quebrava lanças pela Clavelle. A formosura e as formas opulentas das bailarinas — um bando de francezas appetitosas — despertaram grandes entusiasmos, e a tal grau subiram, que a auctoridade, indignada, quiz ordenar que



Procissão da Saude. — A procissão

as dançarinas... usassem calças. A primeira bailarina Palmyra Andrew, realisou um beneficio com os *Saltimbancos*, de Saint-Léon, e a *Vicandeira*.

O palco ficou juncado de flores.

Um jornalista entusiasta dirigiu-lhe a seguinte quadra:

*Ves quantas flores al prado  
La primavera prestó?  
Pues mira, perla adorada,  
Mas veces te quiero yo.*

A Fleury e o Saint-Léon, o muito celebre auctor do *Saltarello*, das *Flores animadas*, da *Estatua encantada*, tiveram um beneficio brilhante. A orchestra offereceu-lhe uma bengala de unicornio e castão de ouro, e o habito de Christo cravejado de pedras. O Marquez



Procissão da Saude. — Aspecto geral

de Lille, ministro de França, deu um jantar ao grande pianista Thalberg, e convidou tambem o Saint-Léon, a Fleury, a Roqueville, e Fontenelle. Entre as grandes pateadas de S. Carlos, houve então uma applicada ás irmãs Sulzers, cantoras. O administrador Lima Leitão pespepou com José Vaz de Carvalho no quartel do Carmo, onde passou a noite. Onde estão agora as pateadas ruidosas de S. Carlos, os raptos atrevidos de dançarinas, as aventuras galan-

tes de bastidores, os rasgos de bravura? A rapaziada modernista apresenta a linha esticada da elegancia, cavalga — com mais ou menos correcção — os puros sangues de estampa rara, dança soavelmente o *pas de quatre*, e tambem sabe admirar, com admiração de feminista, as carnações nevadas entrevistadas sob sedas de *frou frous* lascivos; mas falta-lhe a veia engenhosa, a graça espumante, o masculino espirito da aventura, a petulancia sanguinea, o musculo acerado, a decisão energetica e rapida, a arte de ousar, como diria Mirabeau.

Temos ainda um derradeiro traço da audacia de D. João de Menezes. Veiu a Lisboa fazer umas ascensões aerostaticas Madame Bertrand Senges. Pouco tempo depois appareceu o aeronauta Mr. Poitevin, que em 16 de novembro de 1857, anniversario natalicio de D. Pedro V, realisou a primeira ascensão na praça eo Campo de Sant'Anna. Mr. Poitevin perguntou se havia alguém que quizesse partir com elle para o sereno azul. D. João de Menezes, que assistia ao espectáculo, desceu á arena, e, diz D. Thomaz de Mello, "levantou a perna esquerda, depois a direita, e entrou para o cesto, com a mesma serenidade de animo com que entravamos á noite para os cestos do balanço na Floresta Egyptica." Acompanhou-os madame Poitevin, que baixou n'um pára-queadas sobre a quinta do *Estêo Parado*, na Outra Banda. O balão foi cahir na quinta de Rangel de Quadros, no sitio de Sarilhos Pequenos, perto de Aldegallega. Mr. Eugenio Poitevin publicou depois uma carta na *Revolução*, na qual, descrevendo o seu passeio pelas regiões sidereas, diz: — "em todos os periodos d'esta admiravel viagem aerea, que foi frequente em todos os generos de emoções o sr. D. João de Menezes, meu nobre e intrepido companheiro de viagem, portou-se com um sangue frio e com uma tranquillidade de coração e de espirito, que honram o caracter de um nobre e portuguez." Na segunda ascensão já houve mais quem quizesse acompanhar Mr. Poitevin. Foram os dois irmãos Assis: um, alferes de caçadores 5, e outro, segundo tenente de marinha. Mas este atemorizou-se e, a meio do rio, desceu sobre um mastro da barca Figueiredo. Na terceira ascensão Mr. Poitevin foi montado n'um touro.

D. João de Menezes perdoou sempre, magnanimamente, todas as offensas que o visavam; para elle, eram como aquellas coisas minimas, de que o pretor romano não se occupava.

Tal foi o summo elegante *de la nuque ao talon*, o esgrimidor de nervos vibrateis a todas as notas do heroismo, o amoroso de grande sensibilidade cardiaca; tal foi o janota de fibra leonina, cujos feitos deveriam ser descriptos em phrase lapidada como um brilhante de sessenta e seis facetas e que hoje, creio bem, ha de sentir os olhos lastrados de lagrimas ao desenrolar-se, em quadros prismaticos, o formosissimo panorama da sua recordação; mas que ha de sorrir ao encarar o enfatuado *gommoso*, que, coitado! entreia a phantasia, e gaudia n'uma mediocre elegancia de meias tintas, de *nances* mortas, de apagamento...

PINTO DE CARVALHO (Tinop.)

# Theatros

**D. Maria**, *Inseparáveis*. — **D. Amélia**, *Companhia de zarzuela* — **Gymnástico**, *O cão e o gato*. — **Trindade**, *A filha do ar*. — **Avenida**, *O João das Velhas*. — **Príncipe Real**, *O da guarda*. — **Colyseu dos Recreios**, *Donnini*.

**T**emos d'esta vez mais peças de que espaço. Ao contrario das quinzenas anteriores, a que terminou foi farta em novidades.

**D. Maria** deu-nos uma delicadissima comedia allemã, de Fulda, traduzida para o theatro portuguez com o esmero e correcção habitual de Freitas Branco. São quatro actos, que decorrem brandamente, leves, com um fio de intriga, mas vividos, e interessantes. Mais parecem um delicioso pretexto para se exhibirem á vontade as faculdades raras de Ferreira da Silva que fez do dr. Martens, o solteirão que transige afinal e casa por amor, uma verdadeira criação.

O distinctissimo artista escolheu para a sua festa os *Inseparáveis*, e fez bem, porque lhe deu ensejo a receber uma nova manifestação da malleabilidade de seu talento. Acompanham-no em scena, com grande correcção e primor: Cecilia Machado, a tachigrapha *Doralens* que tem scenas encantadoras, Delphina Cruz, que no segundo acto é adoravel, e Joaquim Costa, aquelle esplendido creado, de que tanto resultado elle soube tirar, e Augusta Cordeiro, e Carlos Santos, e outros interpretes ainda da bella comedia allemã.

Está nas suas sete quintas o publico de **D. Amélia**. E conhece-o tão bem a empreza do elegante theatro que, depois de lhe porporcionar as mais altas emoções artisticas, depois de fazer desfilarem seus olhos as creações adoraveis da Tina, e de encantar os seus ouvidos com as divinas notas do violino de Kubelik, depois de lhe apresentar, nas melhores peças do seu repertorio, Bensaude, um barytono portuguez, que tem acreditado em plateias estrangeiras o nosso nome artistico, depois de reunir n'essa formosa sala a melhor sociedade de Lisboa para consagrar a festa, não de um actor mas do popularissimo secretario da empreza, Antonio Ma-

nuel, o mais prestante, o mais gentil e amavel de todos os secretarios, nos faz entrar de novo no mundo da Zarzuela, o genero da nossa predilecção.

E então com que elementos, com que artistas, com que magnifica companhia hespanhola, com que variado repertorio theatral!

E como não hade assim o publico disputar os logares, como não hade encher-se todas as noites, a transbordar, a vasta sala do D. Amélia!

E' que o habil empresario porfia todos os annos não só em apre-



Beatriz Emilia Rente

† em 17 de abril de 1907

sentar zarzuelas novas, mas em organizar companhias completas, com todos os elementos de attracção e de longa vida.

Tres tipples, uns poucos de actores comicos de reputação consagrada, cantores aragonezes, bailarinas afamadas, scenarios ricos, que mais é preciso para que a sensibilidade do publico de Lisboa disperte, para que elle corra em massa a encher o theatro!

E logo a abrir, a serie de espectaculos sensacionaes, aquella popular e formosissima zarzuela *Enseñanza libre* e, em scena, a Carolina Gimenes, e Pilar Marti, e o nosso eterno Nadal, e o comico Albadalejo que apesar de ser nosso desconhecido logo empolgou toda a sala, fazendo rir convulsamente os mais graves e mysantropes e a tal ponto que Albadalejo já nos conquistou, já é nosso. Como nós somos d'elle. *Mala sombra* aquella intensa zarzuela regional que deu nomeada rapida a dois andaluzes, os irmãos Quintero, agora ouvida pela primeira vez em Lisboa, teve exito em toda a



Luiz Galhardo

Um dos auctores da revista «O da guarda»

linha, tanto pelo valor artistico d'esse bello trabalho, como pelo desempenho das irmãs Taberner, e de Recober, um dos artistas hespanhoes que até hoje mais tem conquistado as sympathias de todos os publicos.

As bailarinas e os aragonezes constituem uma novidade e um encanto para os olhos e para os ouvidos. Aquellas danças imprevistas dos Baturros, aquella bailarina La Marita, que é em forma de mulher, um diabo elegante, nervoso e tentador, os cantos popu-

lares d'aquella *troupe* de aragoneses, são tudo isso attractivos de tal ordem e dão aos espectáculos de D. Amelia um *cachet* tão vivo e um interesse tão palpitante, que, para que negal-o? — a alta vida de Lisboa parece agora concentrar-se todas as noites n'aquella sala, onde se dá *rendez vous* para consolar os olhos, encantar os ouvidos e desanuviar o espirito.

A série interminavel de peças desopilantes continúa no theatro do **Gymnasio**, com exito crescente.

*O cão e o gato* é modelar no genero. Aos auctores estrangeiros que mais voga teem n'aquelle theatro comico substituíram-se sem desvantagem dois escriptores portuguezes: Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues.

E' palpitante de graça toda a comedia, em que os mais imprevisivos e comicos episodios se succedem, em que os personagens principaes são creações proprias a gerar a gargalhada.

Se, n'essa obra de theatro, de um genero litterario que parecendo de restricto valor, para tão poucos é abordavel, algum destaque pretendessemos fazer, justo seria incidir no segundo acto a nossa attenção e citar ainda de preferença a scena admiravelmente burlesca dos dois policias.

No desempenho salienta-se Valle, o inequalavel, o Valle de todos os tempos, que acaba de dar ao homem que procura o cão uma das melhores manifestações do seu talento comico. Joaquim de Almeida, o Thimotheo, é um Thimotheo a valer, sempre o actor de recursos vastos, que imprime individualidade a todos os personagens.

Cardoso e Barbara e Jesuina e Telmo, lá estão a assegurar pelo brilho e graça com que representam sempre, pela encantadora facilidade com que se affieçoam e amoldam a todas as figuras que intepretam, que a idade deixou de fazer rugas, que a arte não cança e que... a velha guarda não se rende.

A empreza da **Trindade** teve a peito remoçar uma peça que tem cabelos brancos: *A filha do ar*. 50 annos passaram sobre ella e comtudo os artistas que d'ella agora se encarregaram, tiraram-lhe todas as rugas. Na plateia da Trindade talvez não se sentasse um só dos espectadores que ha meio seculo applaudiram o Isidoro no *Boreas* e a Letroublon na *Rainha dos genios*. Todavia, se não era uma reminiscencia a atravessar o espirito, havia uma especie de veneração por essa antiguidade, que resaltava dos proprios sorrisos pelo actual desempenho provocados.

N'elle tiveram as honras e os applausos o velho Queiroz, decano, e Rentini e a Amelia Barros, e a Emilia de Oliveira e a Delfina Victor e a Pepita, e o Mattos e o Gomes.

Taveira, chamado ao palco com todos os interpretes, teve a recompensa do serviço que fez, pondo em scena *A filha do ar*, á velha e á nova arte.

Reabriu o **Avenida** e com chave de ouro, ao contrario do que succede aos sonetos, que é assim que devem fechar.

A operetta *João das Velhas*, de João da Camara, na noite da festa de José Ricardo, era um duplo attractivo, a que o publico de Lisboa não podia deixar de corresponder.

Porisso elle correu em massa á inauguração do theatro e á festa do artista, que recebeu demonstrações da mais alta sympathia

Loppiccolo e os outros interpretes do *João das Velhas* partilham com justiça os applausos n'essa noite prodigalisados a José Ricardo.

A Revista *O' da guarda* continúa a ser no **Principe Real** o prato de resistencia. As enchentes succedem se e os auctores são todas as noites acclamados, E' uma das scenas mais interessantes d'esse trabalho já consagrado, e o retrato de um dos seus auctores, que hoje reproduzimos no *Brasil-Portugal*. E... para rematar, o **Colyseu dos Recreios**. E, para voltar á carga, Donnini, sempre Donnini! Aquelle artista — companhia taes admirações provocou pelo seu trabalho excepcional que chegaram a transformar-se em... estima, Donnini é hoje um artista dos mais sympathicos, um artista querido do publico de Lisboa, que assim lh'o manifestou na noite da despedida em que os applausos não tinham fim.

Donnini falando ao publico dizia a saudade que levava da hospitaleira cidade.

Comtudo, nas ovações que o artista até ahi recebera, não houvera sombra de favor porque todas elle merecia, e mais.

E n'este momento, só uma ideia attenúa a saudade que elle deixou: a certeza de que voltará em breve.

Antonio Santos, o empresario intelligente, sabe bem que quando o publico reclama, necessario é satisfazer-o. Portanto, não ha a menor duvida, voltará a Portugal Donnini, o grande Donnini.

JAYME VICTOR.

## PENSAMENTOS

Maximista — synonymo de pessimista.

Interessar as paixões, apaixonar os interesses — eis os fim de toda a eloquencia.

## “O' da guarda!”



Ultima scena do 3.º acto